

MEMÓRIAS LITERÁRIAS
AS FÉRIAS DE JULHO

O apito do trem, os pré-galos

Por Gislaine Buosi

Que saudade!

Vó Julieta, vô Bianor e eu viajávamos em julho, tomávamos o trem numa estação antiga e congestionada. Havia uma ponte de ferro que nos levava de um lado a outro para o embarque. Viajávamos de segunda classe, íamos à fazenda do tio. Naquela época, tracei um plano: queria ser maquinista – fascinava-me a ideia de conduzir a máquina que levava o infinito dos vagões até Catanduva, parando de vez em quando para descer e subir passageiros.

Durante a viagem, que era longa, a janela era toda minha, os cabelos, bem penteados no começo da viagem, desalinhavam-se; a boca e os olhos secavam, a roupa ganhava a cor do carvão. Eu tinha sede de muitos copos d'água morna, copos de cone de papel, que se esfarelavam na mão. Entrar nos túneis, atravessá-los e esperar o claro eram os instantes mais esperados. Vô Bianor sempre levava consigo uns trocados para o cartucho de amendoins doces, o pastel de... qualquer coisa, até que o sono viesse. E o sono quase vinha, desistia. Eu nunca me sentava de costas – o trem, obviamente, ia para frente, e, por isso, eu queria ver a paisagem correr de frente, e não de marcha a ré. As janelinhas do trem eram rápidas!

Pela manhã, chegávamos à fazenda, e então eu corria para abrir a porteira, deslizava com ela. Cortávamos o pasto, corríamos da boiada, molhávamos os pés no riacho, colhíamos margaridas do canteiro e, enfim, chegávamos à casa da fazenda com uma braçada de flores para enfeitar a mesa.

A rotina do dia rendiam perguntas:

— Tio, por que o bezerro já nasce andando?

O vai-e-vem da tarde também:

— Massa de pão que fica no sol cresce esticando ou estufando?

A calmaria da noite também:

— Tia, vaga-lume é movido a pilha?

Foi num desses passeios que a tia deu-me um presente. De início, estranhei: por que a tia embrulhou o presente numa caixa furadinha? Espiei por um dos furos, e vi o Alfredo, o pintinho, a quem chamei “pré-galo”. Naquele julho, nossa bagagem ganhou volume – até porque, na saída, cogitando a hipótese de Alfredo entristecer-se por pelas saudades dos irmãozinhos, pedi à tia outro pintinho, e então, a caixa furadinha precisou ser maior.

Cresci. Guardo comigo o apito do trem e o canto dos pré-galos. A caixa de furinhos não me lembro onde foi parar.